



Recuperando memórias: Vicente Mariano e o Terreiro Senhor do Bonfim Ilê

Oxum Ajamin¹

Larissa Sarmiento Lira²

O tema memória tem sido discutido em diversas áreas do conhecimento, apresentando diferentes interfaces. Através de um olhar sobre a importância da recuperação da memória como importante elo na transmissão de saberes, que compõem o universo da memória religiosa, buscamos neste trabalho, ainda em seu caráter inicial contribuir para a recuperação da memória afro-brasileira na cidade de Campina Grande (PB). O reconhecimento do Tatalorixá Vicente Mariano como agente fundador dos cultos de matrizes africanas nesta cidade e do Terreiro Senhor do Bonfim Ilê Oxum Ajamin³ como *casa matriz* que contribuiu para formação de grande parte do povo de santo desta localidade, apontou a necessidade de registrar essa memória que carrega em seu princípio a tradição do Nagô Pernambucano, advinda do Ilê Obá Ogunté, comumente conhecido como *Sítio do Pai Adão*, a primeira casa de culto oficialmente declarado na cidade do Recife (PE).

De fato, a tradição⁴ representa a perpetuação da memória de um grupo, dá o sentido da sua existência, porém ultrapassa o propósito da transmissão do conhecimento e propicia a inter-relação de valores entre gerações, evidenciando aspectos históricos e culturais. A memória comumente associada à noção de tempo ultrapassa essa barreira não se

¹ O trabalho está relacionado à pesquisa para a dissertação de mestrado recentemente iniciada, tendo como orientadora a Prof^a. Dr^a. Dilaine Soares Sampaio (UEPB).

² Graduada em Filosofia (UEPB), pós-graduada em Design de Moda (SENAI Cetiqt-Rj) e mestranda do Programa de Pós-graduação em Ciências das Religiões – PPGCR (UEPB). Integrante do *Raízes*: grupo de pesquisa sobre religiões mediúnicas e suas interlocuções, vinculado ao PPGCR.

³ Localizado na cidade de Campina Grande – PB, Rua Prudente de Moraes, bairro da Estação Velha, 382.

⁴. A palavra “tradição” vem do latim *Traditio* e significa entregar, designa o ato de passar algo para outra pessoa, ou de passar de uma geração a outra geração (BORNHEIM, 1997, p. 18).



referindo apenas ao passado, ela faz parte da existência humana, está intimamente ligada ao futuro. Segundo Maurice Halbwachs;

Memórias são vívidas lembranças, comemoradas como tais guardam um elo, ainda que linear com os tempos de outrora. Retiram do passado “aquilo que está vivo ou capaz de viver na consciência do grupo que a mantém” (2006, p. 81).

A memória costura, tece o passado e o presente, compondo as tramas e enlaçando-se em novas possibilidades. Essa pesquisa tenta valorizar essa transmissão, restaurando a força e a vitalidade das origens na intenção da recuperação de tradições, muitas delas já perdidas, dessa forma os escritos sobre memória abordados neste trabalho reconhece a importância da construção de uma identidade religiosa marcante na história de uma cidade e estado.

Numa vivência de sete anos como sócia⁵ no Terreiro Senhor do Bonfim Ilê Oxum Ajamin e nos últimos tempos mais intensamente pelo interesse da pesquisa, pude perceber que o Terreiro e a pessoa de Vicente Mariano⁶, como líder⁷ desta casa, poderiam me fornecer subsídios valiosos que visam contribuir para ampliação das pesquisas com relação às religiões afro-brasileiras, sua presença no estado da Paraíba e mais especificamente na cidade de Campina Grande. Desse modo, pude perceber que ali estava um agente fundador dos cultos de matrizes africanas e a importância do Ilê Oxum Ajamin como *terreiro matriz* desta localidade, onde a partir deste universo mágico-religioso foi consolidada uma tradição local com identidade forte e uma memória de valor indispensável à uma pesquisa de nível acadêmico. Esse reconhecimento apontou a necessidade de registrar essa memória, dar voz aos personagens *vivos*, a exemplo de *Pai Vicente*, que aos 86 anos de idade, em pleno cumprimento de suas atividades religiosas passa a ser um

⁵ Como sócio, os adeptos recebem uma carteira com os dados do Terreiro Senhor do Bonfim Ilê Oxum Ajamin, foto do associado e assinatura do Tatalorixá Vicente Mariano.

⁶ Filho de Severino Mariano e Raimunda Maria da Conceição, nascido em 19/11/1928 em Macaparana – PE, 86 anos de idade, sendo 69 dedicados ao “trabalho do santo”, como o mesmo afirma.

⁷ O líder do terreiro exerce toda a autoridade sobre os membros do grupo – em qualquer nível da hierarquia dos quais recebe obediência e respeito absolutos. O chefe do grupo está naturalmente investido de uma série de poderes que se evidenciam na sua autoridade normativa, muitas vezes acrescentada pelas manifestações de uma personalidade forte e de uma aguda inteligência (LIMA, 2011, p.80).



importante *arquivo-vivo* para coleta de dados que vislumbra aspectos importantes para a construção da memória desta tradição.

Nesse sentido, o presente estudo configura-se no esmiuçar desta longa história, visando um caráter de aprofundamento, visto que existe uma lacuna sobre este tema. Alguns documentos registram e atestam a influência do nosso objeto de estudo neste contexto, porém nenhuma que privilegie de fato um estudo profundo e de forma pormenorizada desta raiz que é a memória do Ilê Oxum Ajamin e do Tatalorixá Vicente Mariano na cidade de Campina Grande. Trazer à tona essa investigação, é refazer o percurso que as tradições religiosas de matrizes africanas fizeram para instalarem-se na cidade de Campina Grande, como chegaram de onde vieram e o que de fato trouxeram.

Ecléa Bosi ao perscrutar um estudo da memória direciona seu trabalho as lembranças das pessoas idosas levando em conta a sua função social de rememorar, aconselhar, como um elo entre o passado e o porvir, reitera que; “o ancião não sonha quando rememora, desempenha uma função para a qual está maduro, a religiosa função de unir o começo e o fim, de tranquilizar as águas revoltas do presente, alargando suas margens” (BOSI, 1994, p. 82). O *velho* que BOSI (1994) nos trás é aquele que através de suas lembranças contribui para a transmissão de histórias, tradições, mitos, enfim, toda espécie de conhecimento que possa trazer consigo. Esse conhecimento é acessado através da memória, nos permitindo significar o passado e com isso compreender o presente.

A memória se apresenta como uma necessidade existencial passa a ser mais que simples armazenamento, é vista como uma estrutura complexa que, faz do homem o único ser capaz de construir, desconstruir, reconstruir, compor e recompor lembranças e conteúdos internalizados, modificando-os e gerando outros conteúdos, informações e conhecimento que podem ser aproveitados por outros.



A pesquisa busca fazer uma viagem no tempo para explorar os caminhos trilhados da chegada do Candomblé⁸ na cidade de Campina Grande. O Tatalorixá Vicente Mariano destaca ser o primeiro a abrir casa de Candomblé de Tradição Nagô em Campina Grande na década de 60⁹, em entrevista, Vicente Mariano diz que se iniciou no Candomblé aos 17 anos de idade, em Recife, sua Mãe de Santo; Lidia Alves da Silva, Pai de Santo; José Romão Felipe da Costa, Padrinho; Malaquias Felipe da Costa, Madrinha de folha; Amália filha de Yemanjá Ogunté, todos de origem do “Sítio de Pai Adão”.¹⁰ Diz ter iniciado num terreiro de Nagô Africano, depois que ele “fez o santo” se dedicou, e abriu um terreiro em Campina Grande e afirma:

Nagô. Porque tem a Jurema, mas veio depois. Quem trouxe tudo para Campina fui eu. Campina não sabia o que era umbanda. Não sabia o que era nagô. Nada disso [...] Quem trouxe foi eu [...] Ninguém conhecia. E os que tinha era tudo escondido. Quando inaugurei isso aqui era no tempo de seu Cabral (CARVALHO, 2011, p. 60).

Tendo em vista o caráter *fundante* deste personagem se faz necessária a realização de estudos específicos que vise registrar a memória desta rica fonte de informação sócio histórica da construção e desenvolvimento deste espaço de culto de matrizes africanas na cidade de Campina Grande.

A cada tempo a humanidade engendrou suas práticas sociais e conservou suas experiências para transmiti-las a gerações seguintes de maneiras diversas. Antes da escrita, o tempo fora guardado na memória dos indivíduos, organizada e garantida às ideias eram transmitidas pelos mitos e

⁸Candomblé, denominação originária do termo Kandombile, cujo significado é culto e oração, constitui um modelo de religião que congrega sobrevivências étnicas da África e que encontrou no Brasil, campo fértil para sua disseminação e reinterpretação (LODY, 1987, p.8).

⁹ A década de 60 representou uma época de mudanças na estrutura tanto nacional como local, em 1966 os praticantes conseguiram auxílio político para legalizar e firmar a Federação dos Cultos afro brasileiros na Paraíba. João Agripino, governador do Estado na época surge como interventor conhecido como “Salvador” por ter legalizado a prática religiosa no espaço social da Paraíba, assina a lei nº 3443, que além de liberar estas práticas religiosas, tinham o objetivo de disciplinar e homogeneizar os cultos no Estado.

¹⁰ O Ilê Obá Ogunté é a primeira casa de culto oficialmente declarado na cidade do Recife, uma vez que não se encontram registros de nenhum outro grupo de atuação na época de sua fundação. Considerada pela população religiosa afrodescendente a casa matriz do Xangô de Pernambuco, é comumente conhecido como *Sítio do Pai Adão*, ou apenas *O sítio*. Nos registros de Gonçalves Fernandes (1937), na década de 1930, era denominada Seita Africana *Ôbaoumin*, como também *Sítio Chapéu do Sol*. O Ilê Obá Ogunté localiza-se na Estrada Velha de Água Fria, nº 1644, no bairro de Água Fria, periferia da cidade do Recife (PEREIRA, 2010, p.175).



rituais que se constituem como acervo da memória de um grupo social. A linguagem fornece aos indivíduos os meios de exteriorizar sua memória, sob a forma de uma narração, tornando-a acessível a outros indivíduos, ela permite recolher relatos, guardando-a na memória, deslocando o passado do indivíduo para além do seu nascimento e identificando-o ao passado dos que viveram antes dele.

O Candomblé, como religião mágica, pressupõe o conhecimento e uso de forças sobrenaturais para intervenção neste mundo, privilegia o rito, valoriza os segredos iniciáticos e reconhece a importância dos *mais velhos* em suas comunidades religiosas. Enraizadas, as palavras, o som, os ritmos, a cultura das tradições orais africanas acumulam memórias. Para Silva (2006, p. 44) na lógica das religiões afro-brasileiras, a palavra falada é considerada uma importante fonte de axé (força vital) e veículo do poder sagrado. Transmissão esta que fica a cargo dos *mais velhos*, no nosso caso, essas narrativas constituem bases para pensar acerca da tradição africana na cidade de Campina Grande, os *arquivos vivos*, são a matéria-prima desta reconstrução, chaves mestras para adentrarmos neste mundo mágico, onde o sagrado e a oralidade andam de mãos dadas.

Destaca-se deste modo à função social que essa pesquisa irá desempenhar, dando voz aos personagens desta história estabeleceremos um diálogo entre passado e presente, o que poderá vir auxiliar no processo de reconhecimento e valorização deste *patrimônio* na cidade de Campina Grande. Enfatiza-se a relevância que esta pesquisa pretende dar a esta tradição religiosa local.

O objetivo do nosso estudo é de enlaçar histórias de origem, pertinência, avanços e resistências no processo de formação dos cultos de matriz africana na cidade de Campina Grande (PB), recuperar, analisar e tornar *documento* a memória e trajetória de Vicente Mariano como importante agente na formação do povo-de-santo desta localidade e do Terreiro Senhor do Bonfim Ilê Oxum Ajamin, contextualizar as religiões afro-brasileiras, particularmente o Nagô Pernambucano e o campo afro religioso em Campina



Grande (PB), recuperar a história do Terreiro Senhor do Bonfim Ilê Oxum Ajamin e sua influência no campo afro religioso desta cidade.

Estas lembranças impregnadas de representações permeiam nosso foco, na tentativa de contribuir com a história das religiões afro-brasileiras na Paraíba e principalmente na cidade de Campina Grande, buscando evidenciar a memória do Ilê Oxum Ajamin e do Tatalorixá Vicente Mariano, valorizando sua trajetória, afinal, “uma história de vida não é feita para ser arquivada ou guardada numa gaveta como coisa, mas existe para transformar a cidade onde ela floresceu.” (BOSI, 1994, p.199). As suas experiências relacionada às demais constroem meios para uma identidade comum, o vínculo com tantas pessoas de uma localidade é pressuposto para se pensar as articulações decorrentes de suas memórias expressas em termos comunitários.

A tradição que é destaque na nossa pesquisa pode ser compreendida nas raízes da Casa matriz do *Xangô Pernambucano*¹¹ comumente conhecido como *Sítio do Pai Adão*, ou apenas *Sítio*, fundado por volta dos fins do século XIX, considerado, “como casa matriz o terreiro formou e repassou conhecimentos a diversos terreiros da cidade” (PEREIRA, 1994, p.10). Esse conhecimento perpassou os limites das fronteiras pernambucanas chegando até a Paraíba, na cidade de Campina Grande trazido por Vicente Mariano que fez do Ilê Oxum Ajamin um também terreiro matriz, seguindo os passos da sua tradição.

A luz deste processo, e buscando resgatar a história afro-religiosa, pretende-se revisitar a influência do Xangô Pernambucano na construção desta tradição em Campina Grande. Entender a significativa importância da influência do Terreiro Ilê Obá Ogunté ou *Sítio do Pai Adão*, que apresenta como traço característico o ritual nagô como prática. (BRANDÃO; MOTTA, 2002, p.54) atribuem a esse sacerdote, uma personalidade carismática, para estes, a pessoa de Adão “representa um ato de fé num ato de fé, isto é, a fé

¹¹ O termo Xangô caracteriza as religiões afrodescendentes no estado de Pernambuco. O termo passa a ser polissêmico, pois, tanto caracteriza a religião afro-brasileira como o local onde ocorre o próprio culto, denominado de terreiro.



que se transmite, passando dos que o conheceram aos que não o conheceram e que entusiasmo até o dia de hoje”. Sendo a lembrança sempre fruto de um processo coletivo e que está sempre inserido num contexto social, o resgate da vitalidade das relações sociais do grupo dá vitalidade às imagens, é uma chama viva que constitui a lembrança.

O lugar ocupado por um grupo não é como um quadro-negro no qual se escreve e depois se apaga números e figuras (HALBWACHS, 2006, p.159). Escrever a memória desta tradição religiosa na cidade de Campina Grande visa reafirmar e dar visibilidade a um passado de riquezas. Lembrar é então, não apenas reportar-se ao passado, mas é também reatualiza-lo no presente, sendo este um fator extremamente importante para a ideia de continuidade e de história de vida.

No processo de construção dos dados para análise, teremos como pressupostos as discussões metodológicas, bem como as técnicas que se referem à memória coletiva e oral. Partindo do ponto da impossibilidade de uma memória exclusivamente ou estritamente individual, uma vez que as lembranças dos indivíduos são sempre construídas a partir de sua relação de pertença a um grupo, a captação desta memória individual será feita através de entrevistas para a coleta da história de vida. Através da compilação e do confronto dessas experiências individuais, evocaremos a memória coletiva do grupo. Toda memória é por definição coletiva como sugeriu Halbwachs, que aponta a memória enquanto um fenômeno social.

Segundo MINAYO (1995), o objeto das ciências sociais é essencialmente qualitativo, sendo a realidade social o próprio dinamismo da vida individual e coletiva com toda a riqueza de significados dela transbordante. E complementa;

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (MINAYO, 1995, p. 21-22).



Entrevistaremos o Tatalorixá Vicente Mariano, familiares (nora e filho), pais e mães de santo da cidade de Campina Grande que foram iniciados por ele, moradores da comunidade onde está localizado o Terreiro Senhor do Bonfim Ilê Oxum Ajamin, testemunhos relevantes que atestem o valor desta memória. Devido ao caráter qualitativo da pesquisa, o número de sujeitos entrevistados provavelmente será limitado.

As respostas espontâneas dos entrevistados e a maior liberdade que estes têm, podem fazer surgir questões inesperadas ao entrevistador que poderão ser de grande utilidade para a pesquisa. Para alcançarmos os objetivos desta pesquisa com maior êxito, utilizaremos a entrevista semi-estruturada, visto que este tipo de entrevista colabora muito na investigação dos aspectos afetivos e valorativos dos entrevistados. O roteiro da entrevista semi-estruturada que será utilizada nesta pesquisa deverá versar sobre questões que permitam os entrevistados a exemplo de Vicente Mariano discorrer sobre sua história de vida que coincide com temas que remetem a questões de origem, pertinência, avanços e resistências no processo de formação dos cultos de matrizes africanas na cidade de Campina Grande, enquanto que aos outros entrevistados compete discorrer como se deu seu encontro com *Pai Vicente*, remetendo este tema à questão da expansão da tradição afro-religiosa desta localidade.

O diário de campo nos tem sido um forte instrumento na rotina do trabalho que estamos realizando. Além das narrativas compostas pela memória dos atores, cuja materialidade discursiva será as entrevistas, ao diário vão sendo acrescentadas algumas observações, enriquecendo-as com informações que nos chegam da nossa própria memória como membro participante da religião.

Do ponto de vista do seu delineamento, a pesquisa tem como ponto principal a observação participante. O que aparece como ponto positivo em se tratando do acesso as informações e a participação nos rituais para observações necessárias. Embora saibamos dos riscos que a observação participante apresenta, mas no tocante as comunidades e adeptos das religiões de matrizes africanas, vale destacar que o pesquisador envolvido



tem a possibilidade de ter um melhor acesso facilitando o contato com os pesquisados. Sobre a observação participante Silva afirma;

O mito do pesquisador em campo como um 'fantasma' (destituído de sua classe, sexo, cor opiniões etc), que não afeta e não é afetado pelo cotidiano que compartilha com seus interlocutores ou ainda, como um herói da simpatia e da paciência, cuja missão é 'humanizar' o outro, esquecendo-se de que ele deve ser 'humanizado' em suas fraquezas e omissões, parece agora exigir novas versões em que o pesquisador encontre um papel mais equilibrado e mais condizente com a situação real da investigação. Afinal de contas, 'nativos de carne e osso' exigem 'antropólogos de carne e osso' (SILVA, 2006, p.117).

A análise dos dados será feita à luz da análise de discurso, cuja opção se deu a partir da compreensão de que a linguagem não é simplesmente um meio neutro de refletir, ou descrever o mundo, além da convicção da importância central do discurso na construção social do sujeito. Assim, todo discurso é visto como prática social e a linguagem como uma prática a si mesma.

Na perspectiva dos estudos da memória¹² que tem Maurice Halbwachs um dos seus maiores estudiosos, essa temática elucida as questões que se relacionam com o caráter social. É a partir dos seus estudos que se pensa em uma dimensão da memória que ultrapassa o plano individual, considerando que nenhuma lembrança pode existir apartada da sociedade. Usa o termo *Memória Coletiva*¹³ que “para evocar seu próprio passado em geral, a pessoa precisa recorrer às lembranças de outras, e se transporta a pontos de referência que existem fora de si, determinados pela sociedade” (HALBWACHS, 2006, p. 72). Segundo o autor, as memórias são construções dos grupos sociais, são eles que determinam o que é memorável e os lugares onde essa memória será preservada. *Lugares da Memória* é outro termo utilizado pelo autor para indicar o local onde se cruzam estas memórias, podendo ser lugares do tipo material ou imaterial, onde se encarnam e se cristalizam as memórias de um grupo, comunidade ou nação.

¹² Do latim *memoris*. É a faculdade de lembrar e conservar estados da consciência passados e tudo quanto a eles está relacionado.

¹³ A memória coletiva é a memória social de uma comunidade, é constituída por um determinado conjunto de indivíduos em razão de um dado acontecimento. A memória é um conjunto de lembranças construídas socialmente e referenciadas a um conjunto que transcende o indivíduo (HALBWACHS, 2006, p.64).



Considerando que existem diferentes formas de memória: auditiva, visual, sensorial, emocional, etc., dentro da nossa reflexão que também acentua a presença dos mais velhos como agentes imprescindíveis na conservação da memória podemos assim considera-los; *locais da memória*, que como fio condutor irão reconstruir momentos do passado, contextualizando-o no tempo e no espaço, servindo de ponte para criações no presente. As narrativas, tal quais os lugares da memória, são instrumentos importantes de preservação e transmissão das heranças identitárias e das tradições, são suportes das identidades coletivas e do reconhecimento do homem como ser no mundo.

A tradição é uma mensagem transmitida de uma geração para a seguinte, porém nem toda informação verbal é uma tradição. Dessa forma no terreno da nossa pesquisa é preciso captar os contextos nos quais as representações se originam as forças que as conduzem e que as instituem para poder analisar de que modo elas nutrem as identidades aqui representadas. Se há, pois uma importância muito grande da individualidade na tradição oral, se referindo à memória do indivíduo, por outro lado, esta memória individual só está imbuída de autoridade na transmissão se esta for conferida pela coletividade. “É na sociedade que as pessoas adquirem normalmente as suas memórias. É também na sociedade que recordam, reconhecem e localizam as suas memórias” (HALBWACHS, 2006, p.38).

Esta conceptualização pressupõe uma sujeição das memórias individuais aos padrões coletivos, visto que em última análise, o que recordamos, enquanto indivíduos é sempre condicionado pelo fato de pertencermos a um grupo, dessa forma as memórias sacramentam a existência e o pertencimento a determinado grupo.

Nossa pesquisa não se trata apenas do resgate de uma memória pessoal, de tonalidade intimista, mas a abordagem de traços que brotam de uma vivência coletiva, ao universo cultural que abrange a existência do Ilê Oxum Ajamin na cidade de Campina Grande. Dentro dessa abordagem a fixação de fatos históricos é fundamental para o entendimento da implantação da tradição do Candomblé na cidade de Campina Grande, os



personagens que participaram desta história de luta e resistência a exemplo da Yalorixá Alice Mendes, que aos 80 anos, mãe de santo do Ilê Oxum Ajamin, em primeira entrevista¹⁴ afirma ser a primeira mulher a receber o Deká¹⁵ na cidade de Campina Grande;

Recebi o deká no Ilê Oxum Ajamin, fui à primeira mulher a receber deká dentro de Campina Grande, dado por Lula da Mangueira e Vicente Mariano. Recebi o título de Yalorixá pela Federação de Sr. Bastos, pela mão de Vitalzinho do Rêgo.¹⁶

Vicente Mariano afirma que:

Ninguém conhecia Deká não. O primeiro Deká feito em Campina Grande fui eu. Senhor Lula quando veio fez o Deká, mais em Campina Grande ninguém tinha Deká.

Dessa forma tem-se a Yalorixá Alice Mendes como sendo a primeira mulher a receber seus direitos sacerdotais na cidade de Campina Grande. Nesse interim vão-se confirmando o caráter precursor que esses personagens têm se falando da implantação da religião do Candomblé na cidade de Campina Grande. A tradição tem um sentido todo especial e permite confirmar informações. A recuperação desta experiência religiosa nos permite sua atualização na intenção de registrá-la e transmiti-la as gerações futuras.

¹⁴ Entrevista com Alice Mendes, realizada dia 01/08/2015.

¹⁵ É o ápice da iniciação no Candomblé, momento tão esperado pelo filho de santo, como também pelo seu orixá, pois garantem elevação na hierarquia do Candomblé, contudo deve-se ressaltar a importância e as responsabilidades que este passo requer. Entre os vários deveres intrínsecos, destaca-se a tarefa de zelar pelo culto, pela religião, mantendo seus conceitos, preceitos e corrigindo deformidades que denigrem o Candomblé. Após sete anos de iniciado tendo cumprido todas as obrigações o filho ou filha de santo se recolhe para o recebimento de seus direitos sacerdotais. É uma obrigação sem a qual uma pessoa não pode ser sacerdote ou sacerdotisa do Orixá, pois são entregues neste momento os fundamentos pertinentes para que se possa exercer o sacerdócio. É o momento em que a pessoa deixa de ser um yawô ou noviço para ser Egbomi (irmão mais velho). O Egbomi recebe durante a cerimônia elementos de fundamental utilidade para que exerça a função sacerdotal entre eles, os seus búzios e navalha, é justamente o conjunto destes elementos que origina o nome Deká ou Cuia. Outras duas obrigações são necessárias a este novo Egbomi, quando forem completados catorze e vinte e um anos de santo.

¹⁶ Vereador na época.



Imagem 1 : Yalorixá Alice Mendes e Tatalorixá Vicente Mariano ,Yaô de Oxum (17/05/2015) . Imagem 2: Tatalorixá Vicente Mariano e Yalorixá Alice Mendes, Yaô de Oyá (29/03/2015), Terreiro Ogum Beira-Mar Ilê de Ogum Jobioô, Campina Grande – PB. Imagens de arquivo de pesquisa. Foto de Larissa Lira.

Considerações Finais

Nota-se que durante este tempo, a maioria dos estudos sobre as religiões de matrizes africanas na cidade de Campina Grande privilegiaram aspectos gerais, sem dar primazia a aspectos particulares, como é o estudo que pretende dar ênfase ao registro da memória do Tatalorixá Vicente Mariano e do Ilê Oxum Ajamin como fortes influências na implantação, crescimento e evolução do povo de santo na Rainha da Borborema¹⁷.

A escolha deste tema foi pensando na conservação desta memória, tornar registro escrito parte da história da religião dos orixás nesta localidade, se não for registrado, tende a desaparecer, ser reinventado. O emergir deste tema, abri-nos a possibilidade de uma análise mais efetiva e do desvelamento de inúmeros aspectos ligado ao plantar, germinar e florescimento desta tradição na cidade de Campina Grande e porque não dizer no estado da Paraíba.

No mundo em mobilidade acelerada como o é o de hoje, a sociedade já não se preocupa tanto com a sobrevivência das suas obras, os *mais velhos* são desvalorizados, sua experiência acumulada e o patrimônio cultural da

¹⁷ Como também é conhecida à cidade de Campina Grande, localizada na Serra da Borborema, a maior cidade do interior do Nordeste.



comunidade que o idoso trás na memória não encontram lugar nem utilidade.

Segundo Ecleá Bosi:

Um mundo social que possui uma riqueza e uma diversidade que não conhecemos pode chegar-nos pela memória dos velhos. Momentos desse mundo perdido podem ser compreendidos por quem não os viveu e até humanizar o presente. A conversa evocativa de um velho é sempre uma experiência profunda, é semelhante a uma obra de arte. Para quem sabe ouvi-la, é desalienadora, pois contrasta a riqueza e a potencialidade do homem criador de cultura com a mísera figura do consumidor total (1994, p.82-83).

Dentro desse contexto a valorização aos estudos da memória os mais velhos ganham status de uma posição social ativa, de forte contribuinte no que diz respeito à transmissão de crenças, valores que contribuem para a formação dos indivíduos conscientes de suas raízes, ajudando a construir seus referenciais sociais. A tradição se faz presente na retomada ao passado como forma de resistência a realidade que tende a desvalorizar os costumes antigos. Abordar a memória é ver a possibilidade de nos distanciarmos da prática de apagamento, extinção e desvalorização de culturas, valores e costumes pertencentes a um determinado povo, que pode perder a sua identidade atravessada pela velocidade do processamento de um número expressivo de informação em um curto intervalo de tempo.

Referências

BORNHEIN, Gerd A. O conceito de tradição. In: **NOVAES, Adauto (Org.)**. Cultura Brasileira: Tradição/ Contradição. São Paulo: Zahar, 1997, p.15-29.

BOSI, Ecléa. Memória e sociedade: lembrança de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRANDÃO, Maria do Carmo; MOTTA, Roberto. Adão e Badia: carisma e tradição no Xangô de Pernambuco. In: **Caminho das Almas: memória afro-brasileira/ Vagner Gonçalves da Silva (Org.)**. São Paulo: Summus, 2002.

CARVALHO, Amanda Peixoto de. As Reinvenções das religiões afro-brasileiras em Campina Grande – PB (1920-1980) / Amanda Peixoto de Carvalho. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2011.



HALBWACHS, Maurice. A memória Coletiva. Tradução de Beatriz Sidou, São Paulo: Centauro, 2006.

LIMA, Vivaldo da Costa. Culto aos Orixás, voduns e ancestrais nas religiões afro-brasileiras/ Carlos Eugênio Marcondes de Moura (Org.). – 1ªed. – Rio de Janeiro: Pallas, 2011.

LODY, Raul. Candomblé, Religião e Resistência cultural. São Paulo, Ed. Ática, 1987 (Série princípios, nº108).

MARIANO, Vicente. Entrevista concedida a Larissa Sarmento Lira. Campina Grande, Fevereiro de 2015.

MENDES, Alice. Entrevista concedida a Larissa Sarmento Lira. Campina Grande, Agosto de 2015.

MINAYO, M. C. S. (Org.). Pesquisa Social: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 1995.

PEREIRA, Zuleica Dantas. O Terreiro Obá Ogunté: parentescos, secessão e poder. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - UFPE, Recife, 1994.

_____ **Os Afros descendentes do Ilê Obá Ogunté. Religiosidades Populares Diálogos e interpretações. Universidade Católica de Pernambuco, Pernambuco, p. 175-204, 2010.**

SILVA, Vagner Gonçalves da. O Antropólogo e sua Magia: Trabalho de Campo e Texto Etnográfico nas Pesquisas Antropológicas sobre Religiões Afro-Brasileiras/ Vagner Gonçalves da Silva. – 1ª ed., 1ª reimpr. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.